

Hans Olav Lahlum

# Crime Num Quarto Fechado

Tradução de  
Elsa T. S. Vieira

ASA



## ÍNDICE

Dia 1	
Homicídio misterioso no número 25 da Rua Krebs ..	9
Dia 2	
Sete vizinhos — e uma gabardina azul sem dono ....	15
Dia 3	
A princesa da Rua Erling Skjalgsson — e as suas descobertas sensacionais .....	45
Dia 4	
Os moradores reveem as suas memórias .....	79
Dia 5	
Um diário e os seus segredos .....	125
Dia 6	
Uma morte misteriosa .....	169
Dia 7	
Um testamento — e o seu impacto .....	213
Dia 8	
Um desaparecimento — e uma nova pista .....	251
Dia 9	
No rasto de um veloz fantasma de guerra .....	269
Dia 10	
A história de uma mosca humana .....	301

Dia 11	
Últimos pormenores e conclusão .....	339
Posfácio.....	357
Sobre a minha falecida tia, Dagmar Lahlum —	
e o meu livro, <i>Crime num Quarto Fechado</i> .....	361

**DIA 1**

## **HOMICÍDIO MISTERIOSO NO NÚMERO 25 DA RUA KREBS**

I

Em 1968, o dia 4 de abril calhou na quinta-feira antes da Páscoa. Ao almoço, para comemorar os três meses da minha importante mudança para um gabinete novo e maior na esquadra principal, no número 19 da Rua Møller, comi uma fatia de bolo sozinho. Normalmente, a data é recordada por ser a noite em que o defensor dos direitos civis, Martin Luther King, foi alvejado e morto na varanda de um hotel em Memphis, Tennessee, desencadeando uma onda de conflitos raciais pelos Estados Unidos.

Menos interessante para os livros de História, mas muito mais importante na minha vida e na vida das pessoas afetadas, foi o homicídio que teve lugar quase ao mesmo tempo num apartamento em Torshov, na parte leste de Oslo. A quinta-feira, dia 4 de abril de 1968, foi um daqueles dias em que o telefone no meu apartamento de Hedgdehaugen tocou já tarde e uma voz impaciente perguntou sem preâmbulos se estava a falar com o «detetive inspetor Kolbjørn Kristiansen». Faltava pouco para as onze da noite quando o agente Asbjørn Eriksen me ligou, sem fôlego, para informar que um senhor de idade fora morto a tiro no seu apartamento no número 25 da Rua Krebs. As circunstâncias eram

«altamente invulgares», segundo o extenuado Eriksen. Sempre considereei Eriksen um agente desprezioso e sensato, por isso um frêmito de agitação percorreu-me antes mesmo de ele dizer o nome da vítima. Poucos segundos depois de ele ter exclamado «É o Harald Olesen!», eu já tinha saído de casa e, na escuridão, corria para o meu carro.

Em 1968, Harald Olesen não era aquilo a que poderíamos hoje em dia chamar uma celebridade de primeira classe. Passavam-se meses sem que o nome dele surgisse na imprensa nacional. Porém, para quem fora jovem nos anos imediatamente após a guerra, a imagem do seu rosto adunco e corpo magro ainda era o retrato de um herói. Harald Olesen fora um conhecido político do Partido Trabalhista nos anos 30. Contudo, só quase aos cinquenta anos de idade é que se tornou um nome popular, como um dos lendários heróis da Resistência. Olesen manifestava uma grande reticência em falar sobre as suas experiências durante a guerra, mas isto não diminuía em nada as histórias, por vezes fantásticas, da sua coragem e ousadia como líder da Resistência na sua região. Depois da guerra, teve oportunidade de ser ministro do governo e esteve quatro anos no Conselho de Estado. Posteriormente, alguns cargos importantes na função pública garantiram que continuasse a ser um nome e um rosto familiar até se reformar em 1965, com setenta anos de idade. Agora, três anos mais tarde, o antigo herói da Resistência e ministro fora alvejado e assassinado — na sua própria sala de estar.

Quando voltei para casa nessa noite, por volta da uma da madrugada, depois de duas horas a inspecionar a cena do crime e a recolher as declarações das testemunhas, tive de admitir, com alguma relutância, que a conclusão do agente Eriksen era sólida. Tínhamos um corpo, uma cena de crime e um homicídio indiscutível, mas, além de não termos qualquer motivo, arma ou suspeito, não fazíamos a mais pequena

ideia de como o assassino podia ter fugido do apartamento da vítima depois de desferir o tiro fatal.

## II

Visto do exterior, o número 25 da Rua Krebs era um vulgar prédio de apartamentos de três andares, de tijolo, em Torshov. A mulher do velho porteiro, que me recebeu à porta, disse-me que tinha sido vendido e remodelado três anos antes. As melhorias incluíam um elevador simples no poço das escadas e casas de banho em todos os apartamentos. Tirando isso, o prédio estava basicamente igual ao que era na altura da construção, nos anos 20: grande, cinzento e frio. Ocorreu-me que tanto o prédio como a mulher do porteiro pareciam saídos do romance de Oskar Braaten, *A Toca do Lobo*.

O drama que se desenrolou no número 25 da Rua Krebs, na noite de quinta-feira, dia 4 de abril de 1968, começou literalmente com um estrondo às dez e um quarto. Um tiro disparado num apartamento do segundo andar ouvira-se até ao rés-do-chão. O vizinho mais próximo de Olesen, o morador do apartamento 3B, que se preparava para subir as escadas, estava nesse momento a trocar algumas palavras com um dos outros residentes, no rés-do-chão. Quando ouviram o tiro no apartamento do senhor Olesen, ambos correram imediatamente pelas escadas acima. A porta do apartamento 3A estava fechada e não se ouvia nada lá dentro. Alguns minutos depois, um morador do primeiro andar deixou a mulher e o filho bebé na segurança do seu apartamento e correu para o segundo andar, onde se juntou aos dois homens. Depois a mulher do porteiro apareceu ao cimo das escadas, ofegante. Um dos moradores do rés-do-chão estava preso a uma cadeira de rodas e subiu no elevador, alguns

minutos mais tarde. O último dos oito moradores adultos, uma jovem mulher de nacionalidade sueca, ficou trancada a sete chaves dentro da sua casa no primeiro andar até a polícia lhe tocar à campainha, meia hora depois.

Entretanto, os vizinhos no patamar só conseguiram abrir a porta do apartamento de Harald Olesen depois de a mulher do porteiro chegar com a chave. Após alguma discussão, decidiram não cruzar a ombreira da porta e esperaram pelo agente Eriksen, que chegou meia hora depois. Os seus receios de um tiroteio rapidamente se revelaram infundados. Não havia sinais de qualquer arma no apartamento, nem sinais de vida. Harald Olesen jazia no meio do chão da sala de estar, com um ferimento de bala no lado esquerdo do peito. A bala trespassara-o e alojara-se na parede. De resto, o apartamento estava exatamente na mesma, tanto quanto a mulher do porteiro se lembrava, em relação à última vez que lá estivera — sem sinais do assassino ou da arma do crime.

O facto de a arma estar desaparecida afastava, claro, quaisquer teorias de suicídio. No entanto, também não havia evidências da presença de qualquer outra pessoa no apartamento, nem indicações de como o assassino teria abandonado a cena do crime. Harald Olesen vivia num vulgar apartamento de duas assoalhadas, com casa de banho e cozinha mas sem varanda. A altura de quase dez metros até ao passeio lá em baixo tornava muito improvável que as janelas pudessem servir de caminho de fuga. Quaisquer ideias sobre cordas ou equipamento de escalada foram por água abaixo quando se verificou que as janelas estavam trancadas por dentro.

Por outras palavras, a porta de entrada era a única opção plausível. Se o assassino conseguira entrar, ele ou ela certamente que podia ter saído pelo mesmo sítio. A porta era de trinco e a corrente de segurança não estava fechada. A questão mais premente era, portanto, como é que o assassino

consequira sair do apartamento nos poucos segundos entre o instante em que o tiro fora ouvido e a chegada dos vizinhos. E a segunda questão era como diabo é que o assassino saíra do prédio. O segundo andar era o último e não havia outra forma de descer senão pelas escadas ou pelo elevador. Se o assassino tivesse descido pelas escadas, ter-se-ia cruzado com os vizinhos que subiam. Os primeiros dois vizinhos a chegarem à porta serviam de álibi um para o outro. Qualquer suspeita de conspiração entre eles era infundada, já que não havia arma do crime e não tinham tido muito tempo antes da chegada dos outros moradores. Todos afirmaram que o elevador estava no rés-do-chão nos momentos antes e depois do tiro. Estava vazio quando a mulher do porteiro passou por ele e quando o morador de cadeira de rodas no rés-do-chão abriu a porta, poucos minutos depois. E era inconcebível que alguém conseguisse usar o elevador para evitar cruzar-se com os vizinhos que subiam as escadas e depois passar sem ser visto pela mulher do porteiro, que estava à entrada.

A partir das onze e meia, todos os polícias disponíveis ajudaram a revistar os apartamentos e o prédio, de cima a baixo, sem encontrarem a arma ou qualquer outra coisa que os pudesse ajudar a esclarecer este mistério. A mulher do porteiro fora contratada por quatro horas para limpar o apartamento da vítima no fim de semana anterior e fora diligente na utilização desse tempo. As únicas impressões digitais encontradas na casa eram dela ou de Harald Olesen.

Entretanto, ponderei a possibilidade de o assassino não ter estado sequer no apartamento e ter disparado a partir de um dos prédios vizinhos. Contudo, esta teoria caiu por terra rapidamente, pois parecia que Harald Olesen estava sentado ou de pé em frente de uma parede sólida, sem janelas, na altura do disparo. E, como se isso já não dificultasse suficientemente a situação, todas as janelas na sala estavam intactas.

Assim, além da presença de um morto com um ferimento de bala no peito e da bala alojada na parede atrás dele, não havia quaisquer indícios de drama no apartamento. Harald Olesen estava caído no chão, na sala de estar, ao lado de uma mesa de café posta para dois. Bebera de uma das chávenas, na qual deixara as suas impressões digitais, mas a segunda chávena, do outro lado da mesa, parecia não ter sido tocada. Sugeria que Harald Olesen estaria à espera de alguém, para um café e bolo, mas nada indicava quem o visitara — nem se esse visitante era o assassino.

No fogão e ao lado do lava loiça estavam os restos de uma refeição de almôndegas. Havia leite, pão e queijo no frigorífico, para o pequeno-almoço do dia seguinte. O rádio na mesa da cozinha estava ligado à ficha. No gira-discos, um disco da Orquestra Filarmónica de Viena estava pronto para tocar. Era óbvio que a morte chegara subitamente ao apartamento 3A do número 25 da Rua Krebs.

À uma da manhã do dia 5 de abril de 1968, cheguei à conclusão de que não conseguiríamos mais nada na cena do crime. Deixei um agente de guarda no segundo andar e outro na rua, em frente do prédio. Pedi ao patologista que me enviasse o relatório o mais depressa possível e requisitei cópias dos registos policiais e do censo de todos os moradores do número 25 da Rua Krebs. Depois mandei toda a gente para a cama, mas pedi-lhes que ficassem em casa de manhã de modo a estarem disponíveis para serem questionados.

Já era evidente para mim, na noite do crime, que o assassino era muito provavelmente um dos vizinhos do morto. Até agora, nada indicava a presença de qualquer outra pessoa no edifício nessa noite. Felizmente, não fazia ainda ideia de como ia ser difícil descobrir de qual dos apartamentos viera o assassino.

## DIA 2

### SETE VIZINHOS — E UMA GABARDINA AZUL SEM DONO

#### I

Na sexta-feira, dia 5 de abril de 1968, acordei invulgarmente cedo. Às seis e meia já estava sentado à mesa do pequeno-almoço, imerso numa discussão fascinante com o meu próprio reflexo na cafeteira. Rapidamente concordámos que este era um caso que eu não devia permitir que os detetives mais antigos me roubassem. Era certo que me dariam apenas as tarefas mais chatas, enquanto eles receberiam toda a glória pela resolução do caso. Felizmente, o meu chefe geralmente chegava primeiro do que eles ao trabalho. E, nesse dia, eu cheguei até antes dele. Quando abriu a porta do seu gabinete na esquadra principal de Oslo às oito menos um quarto, eu já estava sentado no corredor, à espera dele.

O comandante era um homem tolerante, na casa dos sessenta anos, que compreendia a importância de encorajar jovens esforçados com grandes ambições. Na verdade, já tinha mencionado em diversas ocasiões festivas que ele próprio fora um desses jovens ambiciosos até aos cinquenta anos. Assim, não admirava que considerasse dignos de louvor o meu entusiasmo e interesse pelo caso. Concordou que o facto de eu ter sido o primeiro inspetor a chegar ao local era vantajoso para mim. E, quando o relógio bateu as oito, já

tínhamos dado um aperto de mão e decidido que eu conduziria a investigação sozinho e que, para o poder fazer, o alcance da minha autoridade seria ampliado. Acedi precipitadamente à sugestão de que procurasse os conselhos dele e dos colegas mais experientes em caso de necessidade. Depois, dirigi-me com confiança à minha primeira investigação de homicídio, embriagado pela convicção de que me traria honra e glória.

Os jornais de sexta-feira diziam pouco sobre o homicídio no número 25 da Rua Krebs. Dois publicavam uma pequena nota sobre o crime e um deles sugeria, sem mencionar nomes, que o falecido era «um cidadão bastante conhecido e respeitado, com antecedentes no movimento de Resistência». Na minha breve passagem pela esquadra no número 19 da Rua Møller, nessa manhã, a frequência das chamadas na central telefónica já confirmava que o interesse da imprensa pelo caso estava a aumentar rapidamente. Assim, antes de sair para a Rua Krebs, escrevi um curto comunicado de imprensa. Primeiro, e acima de tudo, afirmava claramente que me fora concedida a responsabilidade pela investigação do homicídio. Além disso, o comunicado de imprensa confirmava que o ex-ministro e combatente da Resistência, Harald Olesen, fora morto a tiro na sua casa na Rua Krebs na noite de 4 de abril mas, tendo em conta que havia uma investigação em curso, não tínhamos mais comentários.

Ao chegar à cena do crime, na manhã do dia 5 de abril, comecei pelo ponto de partida óbvio: a pequena e arrumada mesa do porteiro à entrada do prédio. A mulher do porteiro que estava sentada atrás desta mesa chamava-se Randi Hansen e era uma mulher baixa e rechonchuda, de sessenta e poucos anos. Vivia no pequeno apartamento de uma assoalhada atribuído ao porteiro, na cave. Normalmente era o marido que ali estava mas, informou-me, ele estava fora esta semana. Os filhos já se tinham mudado há muitos anos e por

isso, geralmente, ela estava sozinha no seu posto à entrada, a apenas alguns degraus dos apartamentos do rés-do-chão. Estava encarregada dos números 25 e 27 da Rua Krebs e alternava entre os dois prédios. Era também a telefonista, gerindo todas as chamadas que entravam e saíam de ambos os prédios. Por sorte, estava no número 25 da Rua Krebs no dia 4 de abril. Prometeu ficar no seu posto até a investigação estar encerrada.

Randi Hansen revelou-se uma pessoa excepcionalmente diligente, que anotara todas as idas e vindas nessa tarde e noite. Tal como a maioria das mulheres de porteiros, conhecia relativamente bem os moradores e as suas rotinas.

A mulher do porteiro teve o cuidado de salientar que só estava neste prédio dia sim dia não e que, por vezes, estava doente ou tinha de se ausentar do seu posto por algumas horas. Contudo, estava convencida de que as suas impressões sobre os residentes e as suas atividades eram bastante exatas. Não vi motivos para duvidar mas percebi imediatamente que havia cinquenta por cento de hipóteses de eventuais visitantes ou acontecimentos lhe terem passado despercebidos. Além disso, da posição dela à entrada, não se viam as portas dos apartamentos nem os corredores, mesmo os do rés-do-chão.

A vítima, Harald Olesen, vivia no segundo andar desde antes da guerra. Como ministro, fora uma das pessoas mais famosas nesta parte da cidade e o orgulho da rua. Nos últimos anos levava a vida sossegada de um reformado, mas ainda entrava e saía com alguma regularidade. A mulher do porteiro já o vira com muitos políticos nacionais e com conhecidos combatentes da Resistência ao longo dos anos, embora com menos frequência nos últimos tempos. As visitas de familiares também eram menos frequentes desde a morte da mulher, cinco anos antes. A mulher do porteiro achava que ele tinha tido muita dificuldade em aceitar que

era viúvo, apesar das aparências. À exceção das idas às compras na loja da esquina, Olesen saía cada vez menos. Era um homem simpático e educado, que a cumprimentava sempre com um aceno ao passar. Se tinha roupa para lavar, ou precisava de algum serviço extra, pedia sempre delicadamente e pagava bem. A mulher do porteiro nunca tinha reparado em qualquer tensão entre ele e os outros moradores. Na verdade, custava-lhe a imaginar quem poderia querer matar um homem tão amável, um pilar da comunidade.

O vizinho de Olesen no segundo andar era um americano chamado Darrell Williams, que a mulher do porteiro julgava ter quarenta e poucos anos. Vivia no prédio apenas há oito meses, e a renda era paga pela Embaixada dos Estados Unidos. A mulher do porteiro, na verdade, nunca lhe perguntara o que fazia na Embaixada, mas pensava que ele tinha um cargo elevado — descreveu Williams como alguém que «anda sempre bem vestido e de certeza que é importante». Também aprendera a falar norueguês muito bem, ao fim de poucas semanas. Darrell Williams ia trabalhar de manhã e chegava muitas vezes já tarde, mas nunca trouxera convidados para casa.

Sara Sundqvist vivia no apartamento por baixo de Olesen. Era uma jovem estudante sueca que ali morava desde o início do ano letivo, em agosto, e surpreendera a mulher do porteiro com flores e chocolates depois de se instalar. Sara Sundqvist vestia-se bem e era elegante. Por vezes parecia talvez um pouco distante, mas sorria e cumprimentava-a sempre. A menina Sundqvist levava os seus estudos muito a sério e tinha uma vida bastante rotineira. Normalmente saía entre as oito e as nove da manhã e chegava a casa entre as três e as cinco da tarde. Nos primeiros meses, recebera ocasionalmente visitas de um ou mais dos seus colegas estudantes, que se comportavam sempre impecavelmente e saíam muito antes das onze.

Era evidente que a mulher do porteiro estava encantada com Sara Sundqvist, e no entanto havia algo na sua expressão que me fez pensar que estava a esconder alguma coisa. Uma certa rigidez, quando passou aos moradores seguintes, o jovem casal, Kristian e Karen Lund, que viviam no apartamento da esquerda no primeiro andar. Era um casal simpático e prestável, e pareciam muito apaixonados, mesmo depois do nascimento do primeiro filho. Os Lund tinham-se mudado para o prédio há dois anos, ainda recém-casados, e tinham agora um filho com pouco mais de um ano. A senhora Lund tinha vinte e cinco anos de idade e era filha do proprietário de uma fábrica numa das melhores partes de Oslo. O marido era poucos anos mais velho e geria uma loja de desporto em Hammersborg.

No apartamento da esquerda, no rés-do-chão, morava um taxista. Konrad Jensen tinha cerca de cinquenta anos e não era casado. A mulher do porteiro ouvira dizer por um dos sobrinhos, que também era taxista, que Konrad Jensen trabalhava arduamente e muitas horas. Fora do trabalho, só saía de vez em quando para assistir a algum evento desportivo. Tanto quanto a mulher do porteiro se lembrava, nunca recebera visitas, nos vinte anos em que ali vivera.

A mulher do porteiro abriu e fechou a boca uma ou duas vezes depois de falar sobre Konrad Jensen. Mais uma vez ficou no ar algo por dizer. Eu não sabia o quê, mas por enquanto decidi não a pressionar.

O último morador vivia no apartamento da direita, no rés-do-chão, e era um homem preso a uma cadeira de rodas, chamado Andreas Gullestad. Tinha cerca de quarenta anos e, tanto quanto a mulher do porteiro sabia, vivia dos rendimentos da sua herança. Deviam ser bastante substanciais, pois estava sempre muito elegante e vivia uma vida aparentemente sem preocupações, com a exceção do seu problema físico. Apesar das dificuldades, estava sempre bem-disposto

e era simpático para qualquer pessoa que encontrasse. Mudara-se para aqui, vindo do lado melhor da cidade, há três anos, depois das remodelações no prédio. Em resultado de um acidente sofrido pouco tempo antes disso, estava agora dependente de uma cadeira de rodas, e por isso ficara contente por encontrar um apartamento de fácil acesso no rés-do-chão. Gullestad era a única pessoa, além de Harald Olesen, que aceitara a oferta do proprietário do prédio para comprar o apartamento.

A irmã e a sobrinha de Andreas Gullestad vinham visitá-lo de vez em quando mas, tirando isso, levava uma vida sossegada e talvez um pouco solitária. Por vezes arriscava a sair, no verão, quando o tempo estava bom, mas no inverno preferia ficar em casa e costumava pedir à mulher do porteiro que lhe fizesse as compras semanais. Pagava-lhe generosamente por esta tarefa e dava sempre presentes de Natal e de aniversário a ela e ao marido. Pelo que ela sabia, Gullestad não conseguia deslocar-se sem a cadeira de rodas, mas parecia conseguir usar a parte superior do corpo e os braços. E não havia absolutamente nada de errado com a sua cabeça: era um homem exceccionalmente inteligente e culto.

Por um feliz acaso, durante a tarde e noite do dia do crime, a mulher do porteiro não só estivera sentada no seu posto como tomara nota das idas e vindas dos moradores. O próprio Harald Olesen tinha ido às compras de manhã, mas regressara por volta do meio-dia e passara as últimas dez horas da sua vida em casa. Ninguém lhe telefonara. Os únicos telefonemas de algum interesse registados nas semanas anteriores à sua morte eram entre ele e o seu advogado na firma Rønning, Rønning e Rønning.

Quanto aos outros vizinhos, Andreas Gullestad e a sua cadeira de rodas tinham estado todo o dia em casa, como de costume. A senhora Lund ficara em casa com o filho bebé. Segundo a mulher do porteiro, o senhor Lund saíra por

volta das oito da manhã e só regressara às nove da noite. O único telefonema para casa dos Lund foi feito por ele, cerca de quatro horas antes de chegar. Sara Sundqvist saíra para as aulas às nove e meia da manhã e voltara às quatro e um quarto. Darrell Williams saíra pouco antes das nove da manhã e voltara perto das oito da noite. Konrad Jensen estava a fazer o turno da tarde nessa semana. Saíra no seu carro ao meio-dia e entrara no prédio quase atrás de Williams. O único morador de que a mulher do porteiro tinha registo de ter voltado a sair mais tarde era Darrell Williams. Fora dar um passeio a pé às cinco para as dez e voltara quinze minutos depois.

A mulher do porteiro não tinha visto nenhum desconhecido no prédio no dia do homicídio e era muito pouco provável que alguém tivesse conseguido entrar sem ser visto. Só ela e os moradores tinham a chave da porta das traseiras. Todas as outras pessoas tinham de entrar pela porta da frente e passar por ela. E na quinta-feira, dia 4 de abril, ela conseguira ver a porta das traseiras praticamente sem interrupções nas seis horas anteriores ao crime.

Antes de a deixar, perguntei-lhe se tinha reparado em alguma coisa invulgar do seu posto, em especial nas horas antes e depois do homicídio.

— Há uma coisa — disse ela, e levantou-se. Fez-me sinal para a seguir para uma pequena salinha ao fundo.

Em cima da mesa estava uma grande gabardina azul, com capuz, e um cachecol encarnado.

— Encontrei estas duas coisas em cima do caixote do lixo ao lado da porta das traseiras, esta manhã. Nunca vi nenhum dos moradores quer com a gabardina, quer com o cachecol. Ambas as peças parecem mais ou menos novas e dá-me ideia de terem sido lavadas antes de as deitarem fora, porque ainda estão húmidas. Não vi ninguém deitá-las fora, mas não estavam ali quando eu fui deitar fora uns

restos ao princípio da tarde de ontem. Penso que é digno de nota, não acha?

E eu tinha de concordar com ela. O facto de alguém ter deitado fora uma gabardina quase nova e recém-lavada no dia em que fora cometido um homicídio no prédio era sem dúvida suficientemente invulgar para ser digno de nota. A gabardina azul foi imediatamente adicionada à minha lista de perguntas a fazer aos moradores.

## II

Darrell Williams vivia, portanto, no apartamento 3B. Era um americano corpulento, de cabelo escuro, com um aperto de mão firme e uma voz inesperadamente agradável. Mostrou-me o seu passaporte de diplomata, que indicava ter quarenta e cinco anos, embora parecesse mais novo. Tinha mais de um metro e oitenta de altura e pesava sem dúvida perto de cem quilos, mas com pouca gordura em excesso. Falava um norueguês admirável, com um leve sotaque americano.

Enquanto me falava sobre si, Darrell Williams explicou que o seu nome ligeiramente invulgar vinha dos antepassados irlandeses. Os avós tinham emigrado para os Estados Unidos na década de 1870, após a Grande Fome. Ele nascera e fora criado em Nova Iorque, e era filho de um conceituado advogado. Darrell Williams desistira do curso de Direito para se alistar no exército depois de os Estados Unidos entrarem na guerra, e participara no desembarque na Normandia no verão de 1944. No ano seguinte viera para a Noruega, após a libertação do país, como um jovem tenente da delegação dos EUA. Rapidamente arranhou uma namorada norueguesa e um posto na missão militar americana e ficou na Noruega até à primavera de 1948. Aprendeu

norueguês nessa altura, e tinha tantas boas recordações da época que, quase vinte anos depois, quando a oportunidade surgiu, se candidatou a uma posição de adido na Embaixada em Oslo. Entre uma coisa e outra, fizera carreira nas forças armadas, onde chegara ao posto de major, antes de mudar para a carreira diplomática no início dos anos 60.

Em resposta à minha pergunta sobre o estado civil, o sorriso de Darrell Williams foi descontraído e irónico.

— Casei-me nos Estados Unidos em 1951, mas o ponto alto do casamento foi quando nos separámos, três anos depois. Foi uma união sem filhos e com demasiadas discussões. A minha mulher afirmou que me ia deixar por outro homem, o que, pelos vistos, não era verdade, já que acabou por casar com um tipo diferente e teve um filho de um terceiro homem!

O diplomata falou abertamente sobre o seu casamento desastroso. Uma vez que era um homem solteiro, sem filhos, o serviço diplomático dera-lhe a possibilidade de realizar um sonho de infância e conhecer melhor a Ásia e a Europa. Na última década tinha estado em várias embaixadas mas podia dizer francamente, «juro pela minha saúde», que nunca vira uma capital tão bela como Oslo.

A Embaixada é que lhe arranjava o apartamento e que o pagava. E Darrell Williams não tinha qualquer queixa, mas devido às longas horas de trabalho e aos jantares oficiais não passava muito tempo em casa, por isso não conhecia muito bem os outros moradores do prédio. Williams considerava o porteiro e a sua mulher pessoas «sossegadas e prestáveis». O homem da cadeira de rodas no rés-do-chão era «um senhor muito culto e simpático», que falava muito bem inglês e sabia discutir Jack London e outros dos seus escritores americanos preferidos. A jovem estudante sueca também parecera ser «amável e inteligente» nas poucas conversas que Williams tivera com ela. O taxista do rés-do-chão era

talvez «uma pessoa simples» e discreta, mas interessava-se por futebol e outros desportos, por isso Williams trocava algumas palavras com ele de vez em quando. Na noite do crime, tinham-se encontrado nas escadas e parado a falar sobre o próximo jogo da Taça Norueguesa.

O americano praticamente não falara com o jovem casal do primeiro andar, por isso confirmou apenas que pareciam ser «invulgarmente felizes e cheios de alegria de viver, mesmo para recém-casados». Na noite do homicídio, Kristian Lund entrara no prédio poucos passos à frente dele. Williams levava a mão ao chapéu no seu cumprimento habitual e recebera um amável «boa noite» em troca. Eram assim basicamente todos os contactos que tinha com eles: breves mas sempre amistosos.

Darrell Williams lembrava-se bem do nome de Harald Olesen, dos anos de 1945 e 1946, e ficara bastante entusiasmado com a ideia de viverem ambos no mesmo prédio. Pouco depois de se mudar para o apartamento, batera à porta do vizinho e fora bastante bem recebido. Porém, durante essa visita e em algumas ocasiões posteriores, Williams ficara com a impressão de que alguma preocupação pesava sobre Olesen e não quis incomodá-lo mais. Apesar disso, Olesen cumprimentava-o sempre com um sorriso simpático. Contudo, Williams pensara, por mais do que uma vez, que o velho herói de guerra estava a tornar-se um idoso cada vez mais isolado e deprimido.

Williams não vira Olesen vivo no dia do crime. Estivera num jantar e só chegara por volta das oito. Depois da sua caminhada noturna, estava a falar com Konrad Jensen nas escadas há poucos minutos quando, de súbito, ouviram um tiro no segundo andar. Instintivamente, Williams correria para as escadas, seguido de perto por Jensen. Não se cruzaram com ninguém nas escadas, nem viram ninguém no corredor quando chegaram ao segundo andar. Tocaram várias

vezes à campanha de Olesen, sem resposta. Um ou dois minutos depois, aparecera Kristian Lund, seguido da mulher do porteiro. Esta voltara a descer para ir buscar as suas chaves e chamar a polícia, uma vez que não se ouvia qualquer som dentro do apartamento. Enquanto ela tratava disso, Gullestad subira no elevador. Os cinco discutiram se deviam ou não abrir a porta, mas decidiram esperar pela chegada da polícia. Não viram nem ouviram quaisquer sinais de um intruso no prédio, e era impossível que alguém tivesse passado por eles sem ser visto.

Williams não se recordava de ter alguma vez visto uma gabardina azul no número 25 da Rua Krebs, nem no dia do homicídio nem antes. Respondeu aberta e francamente à minha pergunta sobre armas de fogo:

— Tinha um revólver Colt de calibre .44 e uma pistola de calibre .36 quando cheguei à Noruega, mas parecia-me tudo tão seguro por aqui que enviei ambas as armas para a minha casa nos Estados Unidos há algumas semanas.

Oficialmente, não tinha licença das armas, mas vi poucos motivos naquele momento para aborrecer um homem com passaporte diplomático americano com essas minúcias. A busca à casa na véspera mostrara que Williams, como todos os outros residentes, não tinha uma arma no apartamento na noite do crime. De qualquer forma, isto não o eliminava da lista de possíveis suspeitos.

### III

Sara Sundqvist era uma jovem magra e invulgarmente alta, que demorou alguns instantes a abrir a porta e só tirou a corrente de segurança depois de ver o meu uniforme. Apesar de ter cerca de um metro e oitenta, devia pesar menos de sessenta quilos. Parecia que os seus pulsos e braços podiam

partir-se a qualquer instante mas, apesar da cintura perigosamente fina, era bem proporcionada e tinha uma postura elegante. E, embora tivesse uma expressão tensa e ansiosa, era impossível não reparar nas suas curvas femininas. O vestido verde de gola alta, aparentemente modesto, só servia para enfatizar um par de bonitos seios.

Sara Sundqvist estava muito séria e ligeiramente abalada pelo crime, mas pareceu-me apesar disso uma pessoa sensata e digna de confiança. Falava um norueguês gramaticalmente correto, embora com ligeiro sotaque sueco. Disse-me ser de Gotemburgo e ter vinte e quatro anos. Viera para Oslo estudar Inglês e Filosofia em agosto último e encontrara o apartamento através de um anúncio de jornal colocado pelo proprietário. Usava o dinheiro da bolsa sueca e a ajuda dos pais para pagar a renda, mas também trabalhava na biblioteca da universidade algumas horas por semana, além dos estudos.

Além disto, disse-me que passava a maior parte dos dias a estudar, mas que no tempo livre gostava de teatro amador. Geralmente saía muito pouco à noite. E, na noite em questão, estava sozinha em casa, na cozinha, a fazer o seu café, quando ouviu o tiro. Ouvira-o claramente, mas pensara que talvez fosse alguma coisa a cair no chão. Depois assustou-se com o barulho no corredor e decidiu que era mais seguro ficar fechada em casa, até que a polícia lhe bateu à porta. Embora não tivesse assistido pessoalmente ao drama, fora «uma experiência extremamente assustadora». De acordo com as declarações prestadas na véspera, disse que chegara a casa às quatro e um quarto e não voltara a sair.

Eu estava certo de que a jovem sueca provavelmente sorriria mais num dia quente de sol e que o seu olhar era regra geral mais firme do que hoje. Não me custava acreditar que um homicídio no prédio seria muito assustador para uma jovem estudante estrangeira.

O apartamento 2A tinha algumas estantes atafalhadas de livros suecos, noruegueses e ingleses mas, tirando isso, era o apartamento de uma jovem organizada. E, além das facas de cozinha, não havia sinais de armas. Ela pareceu momentaneamente confusa quando lhe perguntei se tinha visto alguém de gabardina azul, mas depois respondeu que nunca tinha visto tal peça de roupa em ninguém do prédio, nem no dia do crime nem antes disso.

Sara Sundqvist disse-me que só trocara algumas palavras com o falecido Harald Olesen, por uma ou duas vezes. Ele parecia ser um cavalheiro muito simpático, embora reservado e correto. Ela esforçara-se por adquirir alguma intimidade com a mulher do porteiro e com as outras pessoas do prédio e não tinha nada de negativo a dizer sobre ninguém. Contudo, não podia afirmar que os conhecesse muito bem.

— Os Lund, claro, só têm olhos um para o outro e para o seu menino, e os outros são todos homens bastante mais velhos do que eu.

Não havia nada de dramático no apartamento 2A e na sua ocupante, que me pareceu ser digna de confiança. Foi com alguma hesitação que não risquei Sara Sundqvist da lista de suspeitos.

#### IV

De acordo com a placa vermelha em forma de coração, Kristian e Karen Lund viviam no apartamento 2B. Com o filho de treze meses a dormir tranquilamente no berço, davam a impressão de ser um casal jovem e feliz. E, embora sorrissem sempre que olhavam um para o outro ou para o bebé, os seus rostos ensombrevam-se assim que olhavam para mim. Kristian Lund era um homem louro, corpulento,

com cerca de um metro e oitenta de altura, que normalmente seria sem dúvida uma pessoa descontraída e encantadora. Repetiu várias vezes que um homicídio no prédio era especialmente assustador para quem tinha mulher e filho, e que não sabia se se atreveria a deixá-los sozinhos para ir trabalhar enquanto o assassino não fosse apanhado.

Nem o senhor nem a senhora Lund conseguiam sequer conceber que fosse um dos moradores o criminoso, pelo que estavam convencidos de que o assassino tinha conseguido vir do exterior, de alguma forma. Só tinham coisas boas a dizer de Harald Olesen. Por vezes ele podia parecer um pouco solitário — afinal de contas, era um reformado que vivia sozinho — mas ainda era um homem vigoroso e elegante. Os Lund nunca tinham visto armas no prédio, e muito menos no seu apartamento. As palavras «gabardina azul» não significavam nada para eles.

Relativamente ao seu passado, Karen Lund disse-me que era a única filha de um proprietário fabril de Bærum. Conhecera o marido num «curso enfadonho de gestão de empresas» e trabalhara algum tempo numa loja de vestuário antes de casar. Kristian Lund era de classe inferior, filho de uma secretária, mãe solteira, de Drammen. Houve um momento bastante emotivo quando ele disse:

— O meu pai pode ser qualquer um e já não quero saber quem ele é.

A mãe, a quem estava muito grato, morrera de cancro no ano anterior, apenas dias antes do nascimento do primeiro neto. Kristian Lund era gestor de formação. Sorriu presunçosamente por um momento quando me disse que as suas notas na escola de gestão tinham sido «melhores do que todos esperavam, menos eu». Recebera várias ofertas de emprego «bastante atraentes» recentemente, mas estava satisfeito no seu atual cargo de gerente de uma loja de artigos desportivos. A mulher acrescentou que os pais estavam

encantados, tanto com o genro, como com o neto. De uma maneira geral, ela parecia muito mais calma e menos abalada do que o marido.

Depois da minha visita aos Lund, continuava por esclarecer uma questão bastante misteriosa: quando é que Kristian Lund chegara a casa na noite do homicídio? A mulher não tinha dúvidas de que ele chegara precisamente às nove horas. Entrara em casa pouco depois do início do *The Danny Kaye Show* na televisão, que começava às cinco para as nove. Kristian Lund explicou que tivera de ficar até mais tarde na loja, sozinho, para tratar das contas, e que saíra de lá às nove menos um quarto. Isto encaixava com as observações da mulher do porteiro, que dissera que Kristian Lund tinha chegado a casa às nove horas. Contudo, não batia certo com outro pormenor bastante confuso, o facto de Darrell Williams afirmar ter visto Kristian Lund entrar no prédio enquanto estava a conversar com Konrad Jensen, uma hora antes disso.

A ansiedade de Kristian Lund com a situação intensificou-se quando mencionei esta contradição. Repetiu várias vezes que só tinha chegado às nove. Se os dois vizinhos diziam outra coisa, deviam estar enganados em relação à hora, ou tê-lo confundido com outra pessoa. A mulher veio imediatamente em seu auxílio. Acrescentou, com grande sinceridade, que tinha o marido mais fiável e honesto do mundo, e que ele ligara para casa várias horas antes para avisar de que só chegaria por volta das nove. Apressei-me a minimizar a questão e retirei-me para refletir melhor no assunto.

A minha paragem seguinte foi de novo no posto da mulher do porteiro, à entrada. Ela franziu a testa e insistiu: — O Kristian só chegou a casa às nove da noite.

Aquilo que escrevera não deixava margem para dúvidas em relação à hora e ela apontara o nome dos residentes pela ordem em que tinham chegado.

— Se o Kristian chegou antes do Darrell Williams e do Konrad Jensen, é muito estranho eu ter escrito o nome dele na linha de baixo — disse. Tive de admitir que parecia um bom argumento. Além disso, a mulher do porteiro tinha o registo da chamada mencionada pela senhora Lund, quando Kristian Lund lhe telefonara para avisar que só chegaria por volta das nove.

Quando olhei para a lista simples e clara da mulher do porteiro, custou-me a acreditar que ela se tivesse enganado. Porém, não parecia haver motivo para duvidar de que Darrell Williams vira e cumprimentara Kristian Lund à entrada do prédio uma hora antes disso. Assim, os Lund também não estavam excluídos da minha lista de suspeitos.

## V

Havia mais drama à minha espera no apartamento da esquerda do rés-do-chão. Konrad Jensen era um homem baixo, de meia idade, vestido com uma camisola de lã encarnada e calças de tecido de gabardina. Confirmou que era taxista e tinha os documentos a postos, comprovando que era o proprietário do Peugeot de modelo antigo, com a luz de táxi, estacionado lá fora. Konrad Jensen informou-me que vivia no apartamento desde 1948 e que, uma vez que nunca casara e não tinha filhos, vivera sozinho toda a sua vida adulta.

O cabelo preto de Konrad Jensen estava a começar a ficar grisalho. E, no decurso da nossa conversa, o rosto por barbear também pareceu passar da frustração para o desespero. As suas respostas foram ficando cada vez mais curtas e tornou-se mais mal humorado em resposta às minhas perguntas de rotina. Sim, chegara sem dúvida do trabalho às oito horas, poucos passos atrás de Kristian Lund e Darrell